

Hospitalidade, cura e Santo Daime

um estudo de caso¹

Hospitalidade e dádiva: o caso do Santo Daime foi o título da dissertação de Mestrado da professora e pesquisadora Maria Regina Meneses defendida no final de 2005, na Faculdade Anhembi de São Paulo, no programa de pós-graduação em Hospitalidade, sob a orientação do professor doutor Luiz Octávio de Lima Camargo².

Meneses parte da situação de que como a dádiva – ação daquele que acolhe sem esperar nada em troca - nem sempre está conectada com a hospitalidade. No mercado turístico normalmente o outro é sempre um estranho e a mediação do acolhimento se faz pela mercadoria dinheiro - podendo comprometer assim todos os critérios da ação de acolher.

Assim ela faz a seguinte questão: o que é dádiva? Para responder - MENESES - historiadora por formação – vai colocar o foco nessa contradição dizendo que a dádiva é uma reminiscência histórica onde então havia consciência do espaço sagrado. Porque havia uma ética.

Vai demonstrar um caso em que hospitalidade e dádiva estão conectadas porque estão sob uma dimensão diferente da dimensão do mercado. Mesmo que a mercadoria dinheiro entre na ação da hospitalidade, no caso demonstrado por MENESES a ação da dádiva não fica comprometida porque se fundamenta num espaço sagrado onde dádiva está realmente conectada com o gesto daquele que acolhe sem pedir nada em troca.

Seu objeto – no caso – foi uma egrégora xamânica que se reúne na Igreja Reino do Sol³, sob o comando de Ge Marques que em seus depoimentos para a pesquisadora revelaram como certos problemas que o

¹ Jussara R. Araújo é doutora em Ciências da Comunicação (ECA-USP), jornalista profissional e especialista em Gestão de Projetos. Professora adjunta da Universidade Federal do Paraná - *campus* Litoral e Vale do Ribeira.

² Vale a pena ler também: CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *HOSPITALIDADE*. São Paulo: Aleph, 2004. (Coleção ABC do Turismo)

³ Recentemente o grupo musical da Igreja gravou um CD com hinos da casa que também vale a pena estudar: *As Filhas da Lua*.

homem moderno apresenta, tais como depressão, doenças crônicas e síndromes equivalentes, estão conectados com a falta de percepção das dádivas que vêm da esfera que chamam de Astral, ou a 4^a. dimensão.

O trabalho aborda a dádiva na Doutrina do Santo Daime. Meneses resgata como algumas pessoas foram beneficiadas com dádivas da “Comunidade do Santo Daime Igreja Reino do Sol”, situada na cidade de São Paulo. Nessa comunidade, hospitalidade implica num exercício de reconhecimento.

Verificou por meio da observação participante, material bibliográfico e relatos através de entrevistas com os membros participantes da Doutrina como acontecem os processos de cura. A base teórica foi um estudo de Marcel Mauss, sobre a dádiva nas sociedades arcaicas. Nessas sociedades a dádiva é o fundamento das relações sociais, onde o dar, receber, e retribuir fazem parte da circulação de dádivas, mantenedora dessas sociedades. Desta forma, o trabalho mostra o dar, receber e retribuir dentro do contexto espiritual.

A pesquisadora resgatou teses da história das Mentalidades, conectando-as com as problemáticas da área do Turismo e com teorias da Antropologia especializada em Hospitalidade. Conseguiu reunir um material de qualidade etnográfica sobre a história da hospitalidade e dádiva do povo do Santo Daime da corrente do Padrinho Sebastião Mota de Melo, um filho de pai cearense cuja família deslocou-se para o Amazonas durante o ciclo da borracha.

No ramo da venda de bens e serviços, tais como hotéis, restaurantes, operadoras turísticas, transportes, entre outros segmentos que atendem ao setor turístico, a hospitalidade tornou-se campo notório. É no bom atendimento e cordialidade que se espera almejar a primazia na concorrência comercial, ansiando os lucros; para tanto, muito discute, planeja e capacita o profissional do setor.

No estudo de caso de Meneses ela faz um foco no ramo da religiosidade, no plano do sagrado – quer dizer – quando o turista e/ou adepto

vai pagar – ou não – mas vai buscar um espaço para o autoconhecimento. O plano sagrado seria isso: a dimensão do exercício do autoconhecimento, segundo a concepção dos princípios de investigação de MENESES. Ela estudou e constatou que é a nossa ignorância que humaniza o sagrado, mas que podemos viver esse espaço quando começamos a perceber que ele está dentro de nós.

Ela investiga como os seguidores de Mestre Raimundo Irineu Serra e do Padrinho Sebastião Mota de Melo obtêm respostas positivas para suas situações de exclusão numa sociedade cuja a ausência de heteronomia, é fator dominante.

No auge do autoritarismo getulista e católico o Mestre Raimundo Irineu Serra criou no Acre a doutrina do Santo Daime com uso da bebida ayahuaska.

Mota de Melo – um de seus seguidores mais notórios – quase 30 anos depois - construiu no auge da Ditadura Militar, diversos rituais de Hospitalidade e cura e outros, através dos estudos que realizou com o Mestre Irineu Serra e conhecimentos que tinha de memória do espiritualista brasileiro Bezerra de Meneses.

No caso, a cultura ayahuasqueira foi resgatada pelo gesto daquele que recebe com civilidade, fraternidade, justamente o contraponto do gesto do opressor. Essa dialética.

MENESES constata que nessa irmandade “todos que chegam são bem vindos, contudo e, conforme é mencionado nos hinos, jamais se deve convidar alguém para participar dos trabalhos espirituais na Doutrina do Santo Daime. Na Doutrina é comum escutar entre os fardados o lema: ”o Daime é para todos, mas, nem todos são para o Daime”. Pode-se comentar e até explicar a outrem sobre a Doutrina, mas jamais convidar, se quem ouve tiver interesse pedirá para participar”.

Ela acrescenta ainda que “o xamanismo concebe a idéia de que o autoconhecimento é auto-ensinamento. Quem convida é o astral, isto é, uma

espécie de comunicação com algo que é invisível, mas é real. Como um átomo, ou como um estado de ser tocado, mas é real para quem o experimenta”.

A autora nas entrevistas aprofundou os seguintes aspectos: mirações; vida profissional, vida familiar, saúde pessoal, sentimento em relação à natureza (antes e depois) e como os entrevistados conectavam esses aspectos com a dádiva.

Para isso apoiou-se principalmente nos hinos recebidos pelos adeptos durante suas mirações com a ingestão da bebida; como dádivas. Principalmente no hinário Reinado do Sol de Gê Marques.

Ainda conforme MENESES dissertou na Doutrina não existe pregação, não existe hermenêutica, o único material possível de entendimento são os hinos. Todo o ensinamento da Doutrina daimista está contido nos hinos. A ingestão da bebida acarretará uma expansão da consciência, atuando diretamente, individualmente, sobre cada adepto no seu trabalho espiritual, permitindo que os ensinamentos dos hinos sejam trabalhados em cada pessoa. Assim, cada indivíduo terá seu próprio entendimento dos hinos. Esses dois mecanismos, a bebida e os hinos, permitirão um profundo mergulho dentro de si, na qual os adeptos estarão “se trabalhando”, isto é, revendo seus feitos e se aperfeiçoando de acordo com os ensinamentos baseados no amor, na verdade, na justiça, no perdão, na humildade, caridade, entre outras qualidades divinas.

Ela explica que a dádiva é sempre com relação ao outro, e a visão humana diante do outro em muitas sociedades sofre alterações devido aos complexos problemas gerados pela comunicação com esse outro. Em sociedades patriarcais, como as sociedades situadas "do lado de baixo do Equador" do mundo moderno, a visão do diferente é hostil, estranhamente hostil. O outro alterado pela percepção hostil às vezes é o louco; o excêntrico; o preguiçoso; o vagabundo; o torto; o burro; a gorda; a "véia", etc, etc. Assim, esse outro passa a carregar dentro dele uma espécie de "hóspede hostil".

A pesquisadora enfoca a hospitalidade e a dádiva enquanto acolhimento do estranho barbarizado, que por sua vez trás dentro dele um hóspede hostil que foi incorporado nele pela prática cultural de um sistema civilizatório: os *hippies* remanescentes de uma cultura que já foi incluída, e portanto, não oferece mais riscos; os pobres desenraizados pela desconexão entre conhecimento atualizado e conhecimento comercial; uma franja enorme de filhos das oligarquias decadentes; os loucos estigmatizados por não se enquadrarem nos interesses locais, e/ou familiares.

Conforme lembra Meneses citando Marroni, "não se espera desse tipo de hóspede reciprocidade, não se exige dele sequer saber o nome próprio. O único antídoto é a humildade do acolhimento. Qualquer outra medida é reforço de cisão, é fortalecimento dos corpos estranhos".

O *corpus* teórico de sua pesquisa foi construído tendo como fundamento teses da doutrina em que o hóspede hostil está dentro de cada um de nós se não sabermos expurgá-lo quando não estamos no caminho do amor. O amor é o grande Mestre da comunidade liderada pelo Padrinho Sebastião e para isso eles fazem uso da bebida ayahuaska como um sacramento - bebida feita a partir da mistura do cipó *Banisteriopsis caapi*, da folha da *Psicotrya viridis* e água.

Segundo MENESES resgatou em LABATE (2002), o uso de enteógenos, denominados pelo vegetalismo peruano de plantas professoras, por acreditarem serem elas possuidoras de um espírito ensinador e curador, foi adotado ritualmente nos cultos religiosos de povos de diferentes culturas e épocas, permitindo-lhes acessos a estados alterados da consciência. Segundo estudos antropológicos apenas os esquimós não fizeram uso de tais plantas, em decorrência da vegetação ser inexistente no meio ambiente habitado por eles.

As diversas populações que fazem uso dessas substâncias consideram, em geral, que elas são habitadas por um espírito, uma "mãe", um "dono" – com o qual podemos nos comunicar e aprender. Elas seriam, portanto, um espírito-

planta. Um traço comum aos variados contextos é a crença de que, por meio dessas substâncias, é possível estabelecer contato com o mundo espiritual, com os seres divinos, e transcender as fronteiras da morte. Historicamente, o uso de tais psicoativos tem sido associado ao reforço da identidade étnica, à promoção da coesão social, à transmissão de valores culturais, à produção artística, à morte simbólica do ego, ao autoconhecimento, à resolução de conflitos sociais, à guerra, à feitiçaria, à caça, ao poder político e cósmico, à metamorfose em animais e à divinação entre outros.

Para contato com o mundo espiritual, denominado pelos daimistas de astral, “o adepto entra sintonia com a dimensão dos sentimentos cristãos, a contra-dádiva. Hinos e mirações são dádivas recebidas do astral e, por meio deles e ainda sobre o efeito da ingestão da bebida, o adepto da Doutrina recebe dádivas que consiste em ensinamentos. Esses ensinamentos levam o adepto ao autoconhecimento e, através dele irá se trabalhar conforme os ensinamentos dos hinos, que se baseiam nos valores cristãos: amor, verdade, justiça, caridade, perdão”.

A sua pesquisa está farta de depoimentos que explicam a miração como esse, por exemplo:

Quando tomei Daime pela primeira vez, eu tive mirações extremamente profundas sobre a minha vida, repensando vários aspectos da minha vida, até então, eu tinha passado por muitas coisas difíceis, mas quando eu tomei Daime percebi que tinha muitas coisas abertas e, que eu tinha que fechar para conseguir centrar na vida e, conectar com uma missão com um caminho certo, que eu percebesse que eu teria uma missão na Terra, na minha vida espiritual, eu percebi também que, eu estou aqui nesse mundo, para melhorar meu espírito, para que em outras vidas, esse espírito possa estar mais desenvolvido. A miração fez abrir todo esse processo, na verdade, não acontece de abrir esse processo e a partir daí você resolve, pelo contrário, começa um grande trabalho.

Ou este:

Uma vez num trabalho de cura, eu estava olhando para a estrela que tinha em cima da igreja, de repente aquela estrela foi abrindo, foi se abrindo e, eu vi o Mestre Irineu sorrindo e ele disse para mim: quem busca amor tem que encontrar o perdão, porque o perdão ele se sustenta para existir o amor, então quem quer aprender a amar tem que aprender a perdoar.

Meneses vai mostrar assim, através dos depoimentos dos daimistas cada autopoiesis⁴ de cura captando uma dimensão única de interioridade e temporalidade do grupo. "O escutar, o aprender a ler os sinais é a tarefa mais nobre do eu-receptor acolhedor", dimensiona um daimista explicando como vê a dádiva dentro da doutrina.

Conforme MENESES: a relação entre os adeptos é chamada de irmandade. A irmandade se estrutura através dos trabalhos espirituais realizados na Doutrina daimista. Os "irmãos" no salão, enquanto "se trabalhando", concomitante e paralelamente estarão trabalhando também o conjunto de irmãos, dessa forma, a irmandade irá se estabelecendo e se fortalecendo.

⁴ Um indivíduo oprimido é um indivíduo com problemas em seu processo cognitivo. A opressão mata o processo cognitivo e afetivo. Para Maturana e Varela os seres vivos são um tipo particular de máquinas homeostáticas, que eles denominam de **autopoieticas**. Eles demonstraram que a vida é ela mesma um fenômeno autônomo donde também é o processo cognitivo. Ou seja, esses sistemas produzem a si próprios, dessa forma produzem a sua identidade distinguindo-se a si mesmos do seu ambiente. Daí o termo autopoieticos, do grego *auto* (própria) e *poiesis*(produção). Um sistema autopoietico é organizado como uma rede de processos de produção de componentes. As conseqüências de adquirir o sistema é que assim os indivíduos tornam-se autônomos, passam a valorizar sua individualidade, resgatam o poder de auto-organização psíquica e afetiva e por fim, aprendem a trabalhar com o seu Mestre Interior. Maturana e Varela entendem a vida como um fenômeno autônomo, pois a vida se autoproduz (autopoiesis). Donde, o fenômeno cognitivo como todo o fenômeno biológico é também autoproduzido. Assim como a manutenção da autopoiesis é fundamental para a manutenção da vida, o fenômeno cognitivo humano só se realiza se puder manter sua autopoiesis, ou seja enquanto tiver a liberdade de se autoproduzir. Todos os autores dessa corrente que nasce a partir das pesquisas de Jean Piaget (mesmo que com outros aportes) afirmam que é só na cooperação que a superação de uma crise se efetiva. O homem isolado também não chegaria jamais a conhecer. O fenômeno do amor, para Maturana e Varela, é que permite a transcendência transformadora, pois é só vendo-se no outro que se ama, que potencializa a coragem para promover a mudança ética.

Ela demonstrou que dádiva e cura é um tema tão antigo quanto o homem no planeta no entanto o leitor dos jornais de massa desconhece completamente a história de curas realizadas pelos povos xamãs.

Mas seguindo a rota de Meneses sob a ótica da antropologia cultural vamos entrar nessa "pré-história". As sociedades pré-modernas, culturalmente integrais e por isso uma sociedade que vê um intercâmbio entre cultura e indivíduo também contam com pessoas que são reconhecidas como Mestres e portadores de conhecimentos sobre o uso e técnicas de manipulação de plantas em geral.⁵

Os xamãs são assim antecedentes da sociedade Moderna e são eles que detêm, em suas sociedades, o conhecimento sobre cura de doenças espirituais que se alojam em nosso corpo: "o hóspede hostil"; uma lembrança apagada, mergulhada no mais profundo do nosso inconsciente, mas que perturba nosso comportamento diante de uma autoridade; diante de uma decisão mais imediata; inesperada. Algo que está alojado nas nossas esferas subliminares, que remonta a nossa infância; que perturba como um vírus num computador e que vai atuar em determinado momento também subliminarmente. Algo que atua nos nossos esquemas co-laterais.

São poucas as Igrejas em São Paulo. Geralmente situadas próximas às áreas verdes que ainda restam por lá. Nesses locais vamos encontrar centros de curas com uso da bebida sagrada⁶ - para onde se dirige grande número de pessoas - em busca de cura psíquica ou física: um "louco" ; um ser castigado pela dor; um caso de flagelo sexual, um acontecimento extraordinário.

⁵ Um livro muito interessante para aprofundar esse tema e fruto de uma pesquisa lacanianiana para quem quiser aprofundar as conexões entre linguagem e cultura: KAKAR, Sudher. **Chamanes, místicos y doctores**: una investigación psicológica sobre la India e sua tradiciones para curar. Coleção popular. Fondo de Cultura Economica México. (1993). Indicamos também a leitura da tese do Marcelo Mercante *Images of healing: spontaneous mental imagery and healing process of the Barquinha, a brazilian ayahuaska religious system*.

⁶ Adotamos como referencial o conceito de sagrado conforme empregado por Mircea Eliade em suas historiografia das religiões. Ele ensina que é a nossa ignorância que humaniza o sagrado. Isso significa que o sagrado é uma categoria que só pode ser compreendida no espaço da espiritualidade – dos fluidos – espaço quântico (neologismos?) e não como oposto ao profano. O adepto não está trocando cerveja por ayahuaska. Não está no plano do divertimento ou do folclore, mas do autêntico resgate da sua integridade real; seus objetivos não são portanto de alucinar, mas de provocar em si mesmo uma ampliação da sua percepção e visão de mundo.

O agrupamento do Santo Daime – que nos mostra Meneses – é um caso bem específico porque vai surgir justamente em função do vazio de respostas positivas, encontrado nas psicanálises das sociedades modernas, ou pós-modernas como defendem alguns, enfim a sociedade onde há um domínio das psicanálises fragmentadoras e com uso de medicamentos cujos efeitos colaterais são tão assustadores como os comportamentos do "hóspede hostil".

O sistema de terapia da Igreja tem sua fonte em um sistema diferente de conhecimento que os xamãs denominam de conhecimento da alma. Envolve conhecimento de espiritismo, magia branca e artes negras. Segundo os especialistas visitados por Meneses - se considerarmos todo espectro catalogado de doenças chamadas pós-modernas – os conhecimentos dos xamãs abarcam um segmento maior de desordens mentais que a psiquiatria, ou a psicoterapia. Mas é bom que fique claro: os xamãs não se opõem aos psicólogos. Conforme vemos em MENESES a dádiva vem da dimensão que eles chamam de espiritual ou o espaço interior.

A psicoterapia não é independente da história social e a psicoterapia ocidental contemporânea tem um conjunto teórico diferente do xamanismo. Aquele que acolhe é chamado padrinho: é quem recebe, acolhe e trata das desordens de comunicação, mentais; a técnica de cura é chamada de xamanismo; o espaço, igreja ou, ashram.

A lógica dos xamãs está no estudo da alma, dos espíritos, e na demonologia.

Estão afinados com o modelo de Jung ao aprofundar mostrando que o aspecto religioso (quer dizer, moral e interior de cada um) é o verdadeiro problema social, e não o sexual, ou o econômico como acreditam os estruturalistas; ou como defendem alguns criacionistas.

Não é a crença na possessão como algo abstrato, mas como algo material, apesar de simbólico. Freud fez isotopia com a mitologia grega, e descobriu a energia azul. Como os xamãs estão naquele tempo mesmo, pois

seus parâmetros são socráticos - eles fazem isotopia com as mentalidades dos mortos (dos espíritos) e dos deuses (arquetipos).

Podemos concluir com a leitura da dissertação que um homem - com uma desordem mental não é um doente ao “pé da letra”, mas alguém que sofreu uma possessão de uma mentalidade. Leia-se aqui, está “tomado” por uma mentalidade moral que lhe aprisiona subjetivamente, alguém sem poder de realizar sua autopoiesis, que perdeu muito do seu equilíbrio e incapaz de re-adquirir seu equilíbrio homeostático. A bebida, a irmandade e a obediência seriam uma chave. O adepto vencerá se entrar e ir ao encontro do seu Mestre Interior. Huxley chamou de “portas da percepção”.

Temos diferentes tipos de instrumentos que constroem certos imaginários inconscientes nos homens e mulheres provocando uma forte ansiedade no meio cultural em que essas pessoas vivem. O calendário, por exemplo, onde nosso imaginário é condicionado a “fabricar” o cotidiano de maneira massificada.

Vale a pena ler todo o trabalho da pesquisadora para apreender essas complexidades das dimensões espirituais do ser humano.

A dissertação – como primeira experiência de pós da autora - enfrentou os problemas da falta de apoio material, principalmente para a coleta de dados.

Mas não faltou apoio psíquico. Maria Regina foi assistida de perto por seu orientador Luis Octávio Camargo que também já sabia das dificuldades para se empreender pesquisas nesse país controlado ainda pelas pesquisas tecnológicas e por outras atreladas aos interesses do Império norte-americano.

Dar é sacrificar algo que se tem em nome de algo, notadamente no plano ético (CAMARGO, 2002). A dádiva acontece por princípios nobres como a ajuda ao próximo em necessidade, um sentimento religioso, ou simplesmente filantrópico. No entanto, ocorre nessas práticas o interesse em receber por aquilo que foi dado. Em

Montandon lê-se: “A hospitalidade é sinal de civilização e de humanidade...” (MENESES).

Como ainda hoje soa *antiguidade* essa junção civilização e humanidade na dimensão tridimensional das agências financiadoras de pesquisas.

Mas o quadro vem mudando e esperamos ver mais pesquisadores como Meneses que observa buscando compreender e explicar a dialética da cultura e nos permite sair do senso comum: *do bem ou do mal* e ir além do julgamento.